

# PELE NEGRA, MÁSCARAS NEGRAS.



ROSE CAETANO

2017

# APRESENTAÇÃO

Os personagens dos textos que compõem este trabalho são, em grande maioria, negros. A máscara branca, que nos apontou Fanon, não cabe no século XXI.

# RAP-ZEL

Era uma vez um reino chamado Tropicália, cuja maior fortuna era a música produzida por todos os seus habitantes.

A rainha chamava-se Elza Alcione, era exímia soprano e dominava técnicas de composição para vários instrumentos de cordas. O rei chamava-se Tim Gil e além de encantar as multidões com sua linda voz, tocava e catalogava todos os instrumentos de percussão inventados neste mundo.

A fartura e a prosperidade abundavam naquela região, povos de todos os cantos do mundo visitavam Tropicália, a fim de assistir aos shows de música clássica e popular que aconteciam no palácio, nas casas de shows e nas ruas da cidade.

Tudo ia bem, mas a família real andava triste, pois, há muito tempo, desejavam, inutilmente, ter um filho. Além dos métodos tradicionais, eles haviam tentado engravidar com ajuda dos banhos de ervas secretas da Floresta dos Ventos Uivantes, simpatias das Pretas Mestras, dança do acasalamento ao som de *It is Love*, de Bob Marley, ao vivo. Contudo, os anos passavam e nada da rainha Elza Alcione engravidar.

Perto do palácio real, havia um lugar misterioso e amedrontador chamado Floresta dos Ventos Uivantes. Lá vivia um bruxo, o senhor Uzzi-Tuzzi. Ele tinha o poder de realizar qualquer desejo da pessoa que lhe entregasse a voz.

Um belo dia, certa de que os orixás da fertilidade não estavam ouvindo suas súplicas, a rainha decidiu procurar o bruxo na Floresta dos Ventos Uivantes.

A casa de Uzzi-Tuzzi ficava no alto da floresta, lá longe, onde não se podia ouvir as belas canções entoadas nas ruas de Tropicália. Em lugar destas, ouviam-se uivos horripilantes das vozes que as pessoas um dia trocaram com o feiticeiro. Ao redor da casa de Uzzi-Tuzzi, havia diversos amplificadores e outras engenhocas utilizadas para intensificar o som. Assim que a rainha entrou na sala o feiticeiro logo veio recebê-la.

- Vossa Alteza, a que devo a honrada visita? Perguntou-lhe o bruxo.
- Desejo ter um filho e sei que você pode me ajudar.
- Minha rainha, posso fazê-la engravidar, mas, em troca, você terá que me dar a sua voz, para sempre.
- Sou a rainha do reino mais próspero dos arredores, posso te dar coleções inteiras de vinis raros, o primeiro registro sonoro de Michael Jackson, gravações inéditas do show ao vivo, realizado por Bob Marley em nosso palácio... Diga-me que fortuna desejas e a terás!

- Majestade, que amável! Mas nada disso me interessa, disse Uzzi em tom mais ríspido.
- Quero sua voz ou nada feito.

A rainha hesitou por alguns instantes, pois, para ela cantar era tão importante quanto respirar. Não conseguia imaginar-se muda, eternamente silenciosa perante o filho, o marido, os súditos, os visitantes, o mundo.

Mas o temor de não ter um filho era maior, então aceitou a barganha de Uzzi-Tuzzi, que prometeu ir ao reino saldar a dívida 15 anos após o nascimento do bebê.

Passados alguns dias, a rainha finalmente estava grávida. Nove meses depois, para surpresa de todos, ela deu à luz a dois bebês! E então, o povo de Tropicália festejou por quatro dias a chegada das princesas Pérola Negra e Zel das Rosas de Ouro.

No quinto dia após o nascimento das princesas, para desalento e tristeza dos súditos e do rei, a rainha Elza Alcione, que havia contraído febre reumática, não resistiu e morreu.

Foram dois anos de silêncio absoluto. Pelas ruas de Tropicália só se ouviam sons abafados e inquietantes da Floresta dos Ventos Uivantes.

Quando completaram dez anos de idade, o rei Tim Gil permitiu às princesas escolherem um bicho de estimação.

Pérola era ágil e gostava de se embrenhar no mato virgem ao redor do palácio e por isso pediu ao rei um cavalo, pois desejava cavalgar mata adentro. Zel era pacata e gostava de contemplar a natureza, e para lhe acompanhar pediu um dragão de Komodo.

Pérola era expansiva e gostava de se apresentar em shows para grandes multidões. Zel era reservada e gostava de compor poemas rimados e declamá-los

nas pequenas apresentações que fazia nos jardins do palácio.

Por ocasião da comemoração dos quatorze anos das princesas, o rei sugeriu que escolhessem um amuleto.

Pérola pediu ao pai uma lança, pois havia desbravado meia mata com Oxossi, o cavalo, e carecia de uma lança para caçar animais selvagens. Zel, por sua vez, pediu ao pai um bracelete, pois gostava de passear com o dragão de Komodo em seus braços, e com o bracelete seria mais fácil transportá-lo.

No dia em que as princesas completaram 15 anos, o bruxo Uzzi-Tuzzi foi ao palácio cobrar a dívida da rainha Elza Alcione. Como não pode levar a voz da falecida e o feitiço era intransferível, o bruxo resolveu, ao menos, raptar para si uma das princesas. E assim levou Zel Rosas de Ouro com seu dragão de Komodo para a torre na Floresta dos Ventos Uivantes.

A tristeza se instaurou novamente em Tropicália. Os shows foram cancelados, as rádios silenciaram e nenhum tropicalista ousava reproduzir outro som que não fosse o da própria voz.

Trancados numa torre sem portas ou escadas, a princesa Zel e seu dragão de Komodo não compreendiam o que estava acontecendo. Ela passava os dias rimando versos e compondo letras sobre a liberdade, debruçada na única janela no alto da torre.

Nos meses que se seguiram ao rapto de Zel, a princesa Pérola Negra convocou o exército real de Tropicália e de reinos vizinhos e saíram todos em busca da princesa Zel.

Uzzi-Tuzzi adorava as músicas rimadas que a princesa Zel cantava e passou a visitá-la com grande frequência.

Dez anos depois, os lindos cabelos negros da princesa Zel haviam crescido e formado perfumados dreadlocks. Quando Uzzi-Tuzzi queria entrar na torre, gritava:

- Zel, jogue-me os seus dreads.

A princesa, que odiava o raptor, obedecia porque temia que ele fizesse mal à princesa Pérola Negra ou ao rei Tim Gil.

Numa linda tarde de primavera, uma camponesa que morava perto da torre estava colhendo pitanga quando ouviu uma linda voz cantando versos rimados.

Ela viu e torro e procurou a porta por toda parte, mas não a encontrou. Então ficou bem abaixo da janela, ouvindo as lindas canções durante toda aquela tarde.

A camponesa voltou para casa encantada, pois, aquele canto maravilhoso havia tocado seu coração. E voltou à floresta, querendo ouvi-lo outras vezes. Em uma dessas vezes, a camponesa estava descansando atrás de uma árvore quando viu o bruxo se aproximar da torre e gritar:

- Zel, jogue-me os seus dreads.

E viu quando o feiticeiro subiu pelos dreads.

No dia seguinte, pouco antes do anoitecer, a camponesa se aproximou da torre e, bem embaixo da janela, gritou , engrossando a voz:

- Zel, jogue-me os seus dreads.

E a camponesa subiu.

Zel Rosas de Ouro ficou muito assustada ao vê-la entrar, pois, esperava que fosse Uzzi-Tuzzi. Mas a camponesa falou-lhe com muita doçura e contou como seu coração ficara transbordando de felicidade desde que a ouvira cantar.

A camponesa voltou à torre outras vezes e elas estavam tão unidas que a princesa acabou se esquecendo do dragão de Komodo.

Colérico de ciúmes, o bichano resolveu procurar Uzzi-Tuzzi e lhe contar sobre a nova amiga da princesa Zel.

Então, o bruxo resolveu esperá-la perto da torre. Quando a camponesa apareceu, o bruxo se aproximou e disse que se ela amasse seus pais e seus irmãos não deveria mais procurar a princesa.

Inconsolável, a camponesa vagou pela floresta até o anoitecer. De repente, ela ouviu sons de uma cavalaria. Era a princesa Pérola Negra e a cavaleiros reais em busca da princesa Zel.

A camponesa lhes contou que sabia onde Uzzi-Tuzzi escondia a princesa, e o grupo decidiu resgatá-la ao amanhecer.

No dia seguinte, o grupo partiu em direção à torre.

Chegando lá, a camponesa gritou:

- Zel, jogue-me os seus dreads.

Mas a princesa não jogou. Ela queria que a camponesa fosse embora, pois se Uzzi-Tuzzi a encontrasse poderia fazer-lhe mal. Percebendo que a irmã não se aproximou da janela, Pérola começou a cantar e, em seguida, Zel apareceu.

Enquanto isso, o dragão de Komodo avisava o bruxo sobre a chegada das moças e da cavalaria à torre. Sem demora, o feiticeiro malvado foi correndo para lá.

Pérola e a camponesa estavam fazendo uma corda com as roupas dos cavaleiros.

Quando terminaram de amarrar a última ponta da corda, Pérola lembrou-se do bracelete da irmã, e cantarolou pedindo que ela o jogasse para baixo, pois amarrado à corda seria um ótimo gancho.

Tudo pronto, Pérola jogou a corda para o alto, na direção da janela da torre. No mesmo instante, Uzzi-Tuzzi chegou e, sem titubear, a princesa Pérola jogou sua lança no coração do bruxo.

Imediatamente, ouviram-se gritos e uivos muito estridentes, e o corpo o feiticeiro se transformou em fumaça, desaparecendo no ar.

De volta ao palácio, o rei Tim Gil fez uma grande festa para comemorar o regresso de sua filha. Vieram povos de todos os lados para conhecer a princesa e ouvir o estilo musical que ela havia inventado: o Rap.

Nesse mesmo dia, ela e a camponesa se casaram e foram felizes para sempre.

# ESSÊNCIAS

Casa da Pérola

Casa da Sereia

Casa da Areia

O fundo do mar

Margarita mitologia mineral.

# O TORTURADOR

A segunda amanheceu fria, 12 graus, e sem chuva. Jorge Fuzil, protético profissional e dentista sem diploma, abriu sua sala, às sete da manhã. Ligou o toca-discos e ajeitou a agulha no disco *Samba Esquema Novo*, de Jorge Ben. Tirou do armário uma dentadura postiça ainda montada sobre o molde de gesso e colocou sobre a mesa um punhado de instrumentos, que ordenou do maior ao menor, como uma exposição. Usava uma blusa branca de gola rolê, calças presas a suspensórios elásticos, sapatos pretos de vinil e jaqueta de couro. Era magro, negro, com olhar que, raras vezes, correspondia à situação, como o olhar dos turistas que desconhecem o idioma local.

Quando arrumou todas as coisas sobre a mesa, girou o aparelho até a poltrona de molas e sentou-se para polir a dentadura postiça. Parecia não pensar no que estava fazendo, mas trabalhava com obstinação, pedalando no aparelho, mesmo quando não precisa dele. Depois das oito horas, fez uma pausa para olhar o céu pela janela e viu urubus pensativos que se secavam ao ar na laje da casa da vizinha. Continuou trabalhando com a ideia de que, antes do almoço, choveria novamente. A voz infantil do filho de oito anos tirou-o de seu devaneio.

- Papai.
- O quê.
- Um militar está perguntando se você lhe arranca um dente.
- Diga a ele que não estou aqui.

Estava polindo um dente de ouro. Afastou-o à distância do braço e o examinou com os olhos entreabertos.

O militar em questão era Luizão, o caçador de comunistas mais conhecido da Baixada Fluminense. Durante os períodos de escassez de guerrilheiros escondidos naquela região, Luizão caçava jovens negros que oferecessem risco à sociedade em atividades de alta periculosidade do tipo: tocar instrumentos musicais de macumbeiros em horário comercial sem que um político ou um jogador famoso de futebol estivessem presentes, gingar capoeira na ausência de turistas, após às 22h; ou qualquer outra manifestação de desvio dos valores da família tradicional brasileira.

Seu filho voltou a gritar na sala de espera.

- Ele diz que está sim, porque está lhe ouvindo.

O protético continuou examinando o dente de ouro. Só quando o colocou na mesa com o

trabalho terminado disse:

- Melhor.

Voltou a acionar o aparelho com o pedal. De uma caixinha de papelão em que guardava coisas por fazer, tirou uma ponte de várias peças e começou polir.

- Papai.
- O quê ?

Ainda não mudara a expressão.

- O senhor Luizão diz que se não lhe arrancar o dente lhe dá um tiro.

Sem se apressar, com um movimento extremamente tranquilo, deixou de pedalar no aparelho, afastou-o da poltrona e abriu a porta por completo e a gaveta inferior da mesa. Ali estava o revólver.

- Bem - disse. - Diga-lhe que venha me acertar.

Fez a poltrona girar até ficar de frente para a porta, a mão apoiada na beira da gaveta. O militar apareceu na entrada. Vestia um conjunto de calça e camisa verde-musgo, coturnos pretos, capacete marrom e um cinturão de couro, com um revólver calibre 38 à mostra. Barbeara a face direita, mas a outra, inchada, tinha uma barba de cinco dias. Jorge Fuzil viu, em seus olhos murchos, muitas noites de desespero. Fechou a gaveta com a ponta dos dedos e disse:

- Bom dia, coronel.
- Bom dia - disse o militar.

Enquanto os instrumentos ferviam, o Luizão apoiou a cabeça no encosto improvisado da cadeira e sentiu-se melhor. Era uma sala de trabalho pobre: uma velha cadeira de madeira, broca, o pedal e um armário com frascos de louça. Diante da cadeira, uma janela com um biombo de pano até a altura de uma pessoa. Quando sentiu que o protético se aproximava, o militar firmou os calcanhares e abriu a boca. Luizão virou o rosto na direção da luz. Depois de observar o molar doente, Fuzil ajustou a mandíbula com uma cuidadosa pressão dos dedos.

- Tem que ser sem anestesia – disse.
- Por quê?
- Porque tem um abscesso.

Desconfiado, o militar olhou-o nos olhos.

- Está bem - disse, e até tentou sorrir.

O protético não lhe retribuiu. Levou para mesa de trabalho a caçarola com os instrumentos fervidos e tirou-os da água com uns talheres, ainda sem pressa. Depois, colocou uma bacia para servir de cuspeira, com a ponta dos sapatos e foi lavar as mãos. Fez tudo isso sem olhar para o militar. Mas Luizão não o perdeu de vista.

Era um molar inferior. O protético abriu as pernas e apertou o molar com o alicate quente, fervendo. O militar se agarrou aos braços da cadeira, descarregou toda sua força nos pés e

sentiu um vazio gelado nos rins, mas não deu um suspiro. O protético só moveu o pulso. Sem raiva, antes com um prazer amargo, disse:

- Aqui você nos paga duas dúzias de mortos, coronel.

Luizão sentiu um rangido de ossos na mandíbula e seus olhos se encheram de água. Mas não deu um suspiro até sentir que o dente saía. Então o viu através das lágrimas. Inclinando sobre a cuspideira, suando, ofegante, desabotoou a farda e apalpou o bolso a procura do lenço. O protético lhe deu um trapo limpo.

- Enxugue as lágrimas - disse.

O militar, fragilizado pela dor, obedeceu. Estava tremendo.

Vá se deitar - disse - e faça bochecho com água salgada. O militar levantou-se, despediu-se com ar displicente, bateu continência e dirigiu-se para a porta, estirando as pernas, sem abotoar a farda.

- Me mande a conta - disse .
- Para você ou para o município?

O militar não olhou para Jorge. Fechou a porta e disse através da grade de metal:

- Tanto faz, é tudo a mesma merda.

# MORADA

Eu morro dentro de uma Pantera

Negra e veloz

Como a noite

O vácuo

O breu

# DESPEDIDA

A rua estava escura e quente. Um ar abafado, difícil de respirar, e como que pesado em sua quietude, golpeou o seu rosto. Seus passos ecoaram na noite estagnada, no beco.

Taís puxou a echarpe que lhe cobria os ombros, tiritou involuntariamente. Parecia que todo calor da cidade havia se concentrado nessa passagem estreita, de chão esburacado, um calor vulcânico.

Claro, disse a si mesma. Venho de outro clima. Isso já não me serve mais.

Parou diante de uma porta. Sim, essa era a casa. Olhou para a janela, antes de bater, a única janela por onde se filtravam feixes de luz. O resto era um bloco disforme de sombra.

No pequeno espaço de tempo, entre o gesto de erguer a mão e o de bater à porta, cruzou sua mente a lembrança do homem que vinha procurar, sua vida com ele, sua felicidade, ceifada pela partida sem aviso. Havia se comportado de modo infeliz, reconhecia. Sua partida foi quase uma fuga. Mas não pode proceder de maneira diferente. Um ente desconhecido fincava sua garra funesta entre os dois, esse ser era a loucura amorosa.

Muitas vezes ela viu cintilar tenebrosas resoluções em seus olhos, e os lábios, doces para o beijo, expeliam flamas e pronunciavam frases letais. Qualquer demora sua, qualquer ausência sem prévio aviso, provocava explosões de ira e ciúmes. Ela o encontrava transtornado, não

raramente, tremendo de nervoso, pálido. Nem suas perguntas obtinham respostas nem suas explicações conseguiam quebrar a quietude dura, impregnada de rancor, na qual Bento envolvia sua ferocidade. E de repente explodia em maldizeres e gritos, louco de cólera.

Esse amor chegou a pesar-lhe como uma escravidão. Mas diferente das correntes rompidas por seus antepassados no Brasil e em África, eram elos que seu desejo de liberdade não ia romper. A paixão é um entorpecente que, às vezes, paralisa o ânimo e o limita. Taís vivia refugiada em seu temor, sabendo, ao mesmo tempo, o que sabe a veterinária diante do bichano condenado e agonizante, que só dependia dela cessar aquela dor. Mas, apesar disso, o amava. Como suportar, a não ser como se suporta uma enfermidade congênita, esse flagelo que corroía sua felicidade, esse matrimônio com a desventura? A vida se encarregaria de curá-lo, o tempo, que traz todas as soluções.

Foi a vida quem partiu de um só talho os laços aflitivos. Um dia recebeu ordem para partir. Pensou na explicação e na despedida, e vacilou. Enganando a si mesma, prometeu-se um retorno próximo, quiçá logo escrever.

E haviam passado quase dois anos. Quase conseguiu esquecê-lo, mas o havia esquecido? Mal havia deixado sua bagagem, estava aqui, batendo à porta de Bento, como antes. Como sempre. A porta se abriu silenciosamente, empurrada por uma mão cautelosa, e uma voz

, a voz de Bento -, perguntou:

- É você, Taís?
- Be! - sussurrou ela, com voz embargada.
- Como sabia que era eu? - perguntou-lhe - Conseguiu me ver no escuro?
- Esperava você.

Levou-a para dentro e fechou a porta.

- Mas não pode ser! Como é que você podia saber? Ninguém sabia.

Ele estava mudo, comedido. Ele estava descorado, quase pálido pensou Taís. Luzes de febre acendiam seus olhos arrasados pela angústia. Como ela nunca havia imaginado.

- A solidão ensina tanta coisa – disse Bento. Sente-se. Ela já havia sentado.
- Aqui faz tanto calor como lá fora. Por que não liga o ar-condicionado?

- Para quê? - ele respondeu - Aqui sempre faz calor. Eu já nem sinto.

Não havia mudado. Era assim, indócil, quando roído por algum desgosto. Iria discutir com ele nessa primeira noite? Apanhou-lhe a mão gelada e permaneceram em silêncio. O quarto estava quase na penumbra, outro de seus irritantes costumes. Mas, enfim, não havia feito um escândalo. Ela esperava uma crise de fúria, recriminações, lágrimas. Não houve nada disso. No entanto, não estava tranquila. O descontrole poderia estar apenas hibernando. Sob essa máscara, poderia estar espreitando o furor mais revoltado e exasperado pelo longo abandono. Contudo, demorava a explodir. Da figura sentada ao seu lado apenas vinha um grande e ameno silêncio, uma serena tolerância.

Começou a mexer-se, inquieta e, de repente, se encontrou fazendo o que menos tinha querido, o que havia se prometido não fazer: desculpar-se como uma criança. À medida que se justificava, compreendia a inutilidade desse mea-culpa e a humilhante contradição. Mas não interrompia seu discurso, e somente quando percebeu que suas palavras não surtiam efeito, calou-se no meio de uma frase, e sua voz afogou-se num gaguejou.

Com a cabeça baixa, sentia o tempo passar como água turva.

- Então - disse ele, por fim - Você estava viajando.

Taís olhou para ele, absorta, sem saber se zombava dela. Como! Iria dizer agora que não sabia; que em dois anos sequer havia ficado sabendo do curso de sua existência? Que jogo era esse? Procurava magoá-la, provavelmente, simulando desinteresse. Controlou-se, pois não queria dar pretexto para que se desatasse a tempestade que seu tato havia domesticado nesta noite. Decidiu responder, com descuido calculado:

- Sim, estive ausente por algum tempo.

Somente depois de uma pausa, Bento comentou enigmático:

- Não importa. Para mim o tempo não existe mais.
- Justamente - disse ela, tirando do bolso um relógio Armani. Trouxe-lhe isto. Faz lembrar que o tempo é real.

Bento observou o relógio por alguns instantes. Sem ajustar a fivela, colocou o relógio no pulso.

- Muito bonito – elogiou. Não sei se poderei usá-lo.
- Por que não?

- Deixe aí, na mesinha.

Parece doente, pensou Tais, enquanto colocava o relógio no estojo aberto.

Estava, realmente, muito magro. Mas não se atreveu a interrogá-lo. Uma trovoadas se ouviu e os ventos começaram a uivar nos vidros da janela.

- Beije-me - ele pediu.

Ela o beijou longamente, apertando-o entre os braços. O velho amor renascia num novo domínio, e era como tocar a raiz da lembrança mais cálida e terna que existisse.

- Você precisa ir. Taís levantou-se.
- Posso voltar amanhã? - ela perguntou.
- Sim.
- Venho cedo. Não vamos nos separar nunca mais. Eu prometo...
- Não prometa nada.

A chuva chicoteava o corpo de Taís com rajadas furiosas. Maldito tempo! - resmungou Taís, molhada da cabeça aos pés antes de ter dado cinco passos. Vamos ver agora se consigo encontrar um táxi.

Taís cruza ruas e praças. Há um ser que se desloca dela e a supera, apressada, com passadas contundentes, desejosa do encontro. Enquanto outra nela resiste, retardando sua marcha, lenta e renitente. Ela mesma vai seguindo a primeira, contra a sua vontade. Mas será que ela sabe qual é a sua vontade? Soube alguma vez? Acreditou, por bom tempo, que era sentir-se livre. Já livre, sua liberdade lhe pesava como inútil fardo. O que havia conseguido, se seu pensamento era Bento, se sua vigília se chamava Bento?

Lúcida, percebia a natureza do sentimento incompatível, que não se parecia com o amor nem era o desejo da presença carnal de Bento, mas uma espécie de ânsia penosa, a atração, ainda que o relacionamento fosse abusivo, angustiante por uma outra alma.

No dia seguinte, Taís chama à porta. Um cão que passa se detém olhando-a por um instante. Volta a chamar e espera o eco da companhia. Não ouve nada; sem dúvida estava quebrada. Bate palmas. Mas não tem resposta. Bento deve ter saído. Retrocede até o centro da calçada para olhar a frente da casa. Observa que as grades estão corroídas e os vidros sem limpeza. Poderia se dizer que era uma casa abandonada. Que estranho tudo isso!

Uma vizinha havia aparecido. Olhava para ela, examinando-a da porta de sua casa, vassoura nas mãos. A senhora avançou pela calçada.

- Procura alguém, moça?
- Sim, senhora. Procuo o Bento.

A senhora voltou a examiná-la cuidadosamente.

- Não sabe que ele morreu faz três meses, moça? A casa está vazia.
- Taís encarou a intrometida, esboçou um sorriso e respondeu:
- Por sorte, a pessoa que procuro mora aqui e está viva.
- Mas a senhora não se refere ao Bento Olivar ?
- Exatamente, senhora.
  - Pois sim, Bento morreu e teve um enterro cristão. A casa foi fechada pelo juiz, já que o falecido parecia não ter parentes.

Será que está anciã estava em domínio completo do juízo? Taís a mediu com desconfiança. Em todo caso, era uma maluca inofensiva; continuaria tentando.

- Sou a noiva de Bento, senhora. Estive ausente e voltei ontem, para me casar com ele. Eu fiz uma visita a ele ontem à noite, conversamos por um bom tempo. Como pode dizer que ele morreu?

Agora a vizinha a olhava com espanto. Chamou em seu auxílio um senhor com aspecto de funcionário público aposentado, que estava regando plantas na casa da frente. O homem se aproximou sem pressa.

- Está ouvindo o que essa jovem diz, senhor Roberto? Que ontem à noite estive nesta casa... Com o Bento; falando com ele.

O senhor a olhou com desprezo e aquela severidade que emana do semblante daqueles que recriminam com severidade os jovens inclinados à bebida.

Taís decidiu partir. Ou toda essa gente estava louca ou ela passava por uma grotesca confusão. Dupla de patetas! No fim das contas, tinha uma visão cômica da questão. Bento riria ao saber. À noite, a casa estava toda escura. Tocou em vão.

Quando o juiz, atendendo sua demanda, abriu a casa do morto, Taís descobriu, sobre a mesinha da sala, o relógio Armani no estojo aberto.

# SENTIDO



Nenhum entorpecente me fará esquecer. Como pode ,Marta, uma decisão depender da velocidade com que os vagões deslizam sobre os trilhos ? E se acontecesse um acidente ? Um contratempo que pudesse imprimir sentido a minha decisão. Eu poderia

acreditar que estava decidida a acabar com tudo, mas o metrô quebrou e eu não consegui chegar à clínica. Ou, ao contrário, o metrô quebrou e por isso peguei um táxi para lá chegar mais rápido.

Se ao menos eu fosse de Áries. As arianas são decididas e determinadas. Sempre tive impressão de que deveria me casar com uma mulher do signo de Áries.

Salvo ter que encarar meu reflexo no vidro da janela, gostaria de nunca mais sair deste túnel. Ficaria aqui, nesta posição, para sempre. Talvez tapasse meu reflexo com a vestido. Seria terrível ter que me encarar, mas, fora isso, a vida subterrânea resolveria tudo.

Ninguém iria me buscar na cadeia, eu sei. Será que me perdoariam ? Será que preciso ser perdoada ?

- Senhora... senhora ! ? Essa é a última estação. A senhora precisa desembarcar.
- Aqui é a Praça da Sé ?
- Não. A praça da Sé fica no sentido oposto. A senhora pode descer aqui e fazer baldeação para um trem da linha Azul.
- O senhor tem certeza ? Mudando o sentido resolvo tudo ?

# PRATA DA CASA

Lembro que a porta de entrada tinha um aspecto descuidado e a barra de prata, opaca, denunciava que há muito ninguém a polia. Passei meu guarda-chuva da mão direita à esquerda e toquei o interfone, empoeirado, duas vezes. Atenderam-me com:

- Hummm... Pois não. A voz irritadiça era da futura desempregada.
- Vim pelo anúncio - eu disse.
- Hummm... Tá. - ela respondeu.

Depois veio a dona da casa. Ela sorriu e iniciou o interrogatório.

- Bom dia.
- Bom dia.
- Seu nome?
- Sandra.
- Sandra de quê?
- Jesus.
  
- Pode deixar seu guarda-chuva ali.
- Ah , obrigada. Mas esse é...O meu talismã – respondi entre dentes. Ela me mediu de cima a baixo.
  
- Referências? - perguntou com a voz entrecortada.
- Família Abílio de Giz, Senhor Sávio Santos, Família Derech Fra- Angélico e Otaviano Ruck.
- Motivo da saída? - Inquiriu-me com os olhos arregalados.
- No primeiro caso, acomodações ruins. No segundo, serviam apenas uma refeição aos empregados. No terceiro, trabalho escravo.
- Aqui - a senhora disse -, há muito serviço a fazer. Mas há outra empregada e, além disso, eu e minha filha ajudamos.
- Ah... Que ótimo, senhora.

Ela me examinou novamente. E percebi que piscava os olhos a todo momento.

- Idade?
- 18 anos.
- Tem namorado?

- Tinha.

Ela levantou abruptamente as sobrancelhas. Para esclarecer, em todo caso, eu disse:

- Era um atrevido, confiado. Terminamos por isso. A velha sorriu contida.
- Gosto disso - disse ela. Quero alguém com muito juízo. Tenho um filho rapaz, um ótimo moço, e por isso nada de sorrisinhos nem de rebolar pela casa.
- Muito juízo ? Essa é a minha especialidade, senhora.
- Em casa e fora de casa - ela disse. Não suporto sujeira e nada de filhos, sobrinhos ou parentes. Estamos de acordo?
- Sim, senhora.
- Comece pela prata da casa - ela ordenou.

Depois de algumas semanas, me resignei a aguentá-la. Porém, bastava uma olhadela de seus olhos arregalados para que meus nervos estalasse. É que a velha parecia ver as entranhas da gente. A filha não era assim. Domenica, 23 anos, uma moça de fina estampa que me tratava como um móvel a mais e ficava pouco em casa. E menos ainda o patrão, senhor Albert, um peixe-boi fora d'água, mais mudo do que vitrola sem agulha. Cheguei a vê-lo observando meus seios por cima do exemplar da revista Veja. Já o jovem Pedro, de 20 anos, não precisa da desculpa da revista para olhar-me com apreço. Juro que obedeci a senhora nisso de não rebolar com segundas intenções. Mas, não pude deixar de transitar pela casa. Em resumo, o rapaz se impressionou.

Quanto ao trabalho, grande desgraça.

“Há outra empregada”, havia dito a velha. Quero dizer, havia. Em meados do mês, já estava sozinha para o que viesse. “Eu e minha filha ajudamos”, havia acrescentado. A sujar a louça, claro ! A quem Domenica ajudaria, se passa o tempo fazendo pelling na pele, jogando tênis no clube e batendo pernas no shopping?

Eu puxei o meu pai nas coisas de intuições, de forma que, quando no dia 28 de outubro (dia de São Judas Tadeu abençoado), caiu em minhas mãos essa foto em que Domenica está tomando banho nua com o filho caçula do vizinho, senhor Gómez, em sei lá que pocilga, tratei de guardá-la porque nunca se sabe.

A essa altura, Pedro, que primeiro me olhava com os olhos, depois me cercava no corredor, estava a cada dia mais rápido com as mãos.

Eu lhe disse com todas as letras que não entrava nessa, que o único tesouro que nós pobres temos é a honra. Ele ria muito malicioso e dizia :

- Já vai ver gostosa !

Até que um dia a velha apareceu no corredor na hora H e olhou para nós como cadáveres. O babaca do Pedro baixou a cabeça e caiu fora. A senhora fez então uma cara de “enfim sós” e me enfiou uma bela pancada na orelha, ao mesmo tempo em que me chamava de ordinária.

Eu lhe disse :

- A senhora não me bata, ouviu?

E, com meu próprio guarda-chuva em punho, ela mostrou o contrário. Pior para ela. Foi essa segunda pancada que mudou minha vida. Calei e engoli. À noite, disse que iria embora, no início do mês. Estávamos no dia 29 e eu precisava receber todo o ordenado, que fechava só no quinto dia do mês.

Sabia que o senhor Albert tinha guardado um papel cinzento em sua escrivaninha. Eu havia lido, porque nunca se sabe.

No dia cinco, já com o papel cinzento, parti para uma pensão decente e barata. Não informei ninguém, mas não pude esconder de um amigo de Pedro.

A espera durou seis dias.

Pedro apareceu uma noite e eu o recebi na frente da dona Ondina, dona da pensão. Ele se desculpou, trouxe bombons e pediu autorização para voltar. Não dei. Fiz bem, porque, desde então, ele não faltou nenhuma noite. Fomos várias vezes ao cinema e ele até quis me arrastar para o parque, mas eu lhe apliquei o tratamento do recato.

Uma tarde ele quis saber o que eu pretendia.

- Pedro, eu não pretendo nada porque o que eu queria não posso pretender.

Como essa era a primeira coisa doce que ele ouvia dos meus lábios, ficou bastante emocionado, o suficiente para se intrometer:

- Por quê? - disse ele.
- Se esse é o motivo eu te prometo que...

Então, como se ele tivesse dito o que não disse, perguntei a ele:

- Você, sim, mas e sua família?
- Minha família sou eu - disse o coitado.

Depois dessa aproximação continuou vindo e com ele vinham flores, bombons, poesias. Mas eu não mudei. E ele sabia. Uma tarde entrou tão pálido, que até a dona Ondina fez um comentário. Não era para menos. Havia contado tudo ao pai. O senhor Albert teria lhe dito :

- Só faltava isso.

Mas depois se acalmou. Um sujeito legal. Domenica riu, mas a mim não importava. Já a velha – Ah! - essa ele contou que ficou verde de raiva. Chamou o Pedro de idiota, o senhor Albert de zero à esquerda, a Domenica de imprudente e imoral. Depois disse que nunca, nunca, nunca. Teria passado umas três horas dizendo nunca.

- Ela está doida - disse Pedro. Não sei o que fazer.

Mas eu sabia.

Aos domingos a velha ficava sozinha em casa; então peguei um telefone e liguei.

- Alô? - disse ela.

Devia estar com camisolão bege, a cara besuntada de creme antirrugas, a toalha feito turbante na cabeça.

- Aqui é a Sandra, não desligue, senhora, o que tenho a dizer te interessa.

Não ouvi nem um pio do outro lado. Mas ela estava ouvindo. Então perguntei se sabia de uma cara de papel cinzento que o senhor Albert guardava na escrivaninha.

- Bem, está comigo.

Depois perguntei se conhecia a fotografia em que Domenica e o filho do vizinho banham-se como vieram ao mundo.

- Bem, também está comigo. Esperei, em todo caso, mas ela nada disse. Então falei:
- Pense nisso, senhora.

E desliguei o telefone. Fui eu quem desligou, e não ela. Deve ter ficado mascando sua raiva. Bem feito.

Na semana seguinte Pedro chegou radiante e gritou da porta:

- Minha mãe está afrouxando!

Claro que afrouxava. Quase dei dois gritos de raiva, mas com a emoção deixei que me beijasse.

- Ela não se opõe, mas exige que você vá em casa.

Exige? Cada coisa que a gente precisava ouvir.

Sim, no dia 24, nos casamos, sem padre, com juiz, com toda pompa e circunstância. O senhor Albert contribuiu com uma casinha, modesta, mas ajeitada. Domenica mandou telegrama que - não é bom que o diga - fez-me pensar bastante:

- Não ache que saiu ganhando. Abraços, Dome.

Na verdade, tudo isso veio à lembrança porque ontem me encontrei na loja com a velha. Estivemos ombro a ombro, disputando os mesmos sapatos. De repente, me olhou de lado, medindo-me de cima a baixo. Ela tinha dois caminhos: ignorar-me ou encarar-me.

Acho que preferiu o segundo e para me humilhar me tratou de senhora:

- Como vai a senhora?

Suando frio, agarrei forte meu guarda-chuva e respondi tranquila:

- Eu muito bem. E a senhora, mamãe?

# EQUÍVOCO

A porção de terra marrom flutuou oceano adentro em direção a um iceberg. Não foram poucos os ilhéus que pensaram tratar-se de um inusitado passeio turístico patrocinado pelo novo presidente.

" VIÚVA-NEGRA "

1. INT. APARTAMENTO DE CRIOLO E ALEMÃO - SALA - dia

Penumbra.No cômodo pequeno, Criolo (35), negro, alto, barba por fazer, usa macacão cinza rasgado, puído e manchado; e Alemão (29), branco, alto, cabelos compridos, usa macacão cinza rasgado, puído e manchado.Sentados num sofá de dois lugares ,encostado à parede,olham para o nada.

No chão, caixas de papelão repletas de livros, porta-retratos, vasos, luminárias, instrumentos musicais. Entre escombros e buracos nas paredes do cômodo, revelam-se espessas chapas de aço prateadas, as quais revestem todo o apartamento.

Sirenes, gritos, tiros, bombas e ruídos de pessoas correndo. (SOM).

CORTA PARA:

2. INT. LABORATÓRIO - DIA

O amplo salão é um cubo suspenso com vidros transparentes e luminárias no teto.Homens e mulheres (30 a 65) brancos,usam largos macacões pretos e capacetes com viseiras translúcidas. Eles transitam pelo espaço enquanto regulam as centenas de CÂMARAS DE CLAREAMENTO ARTIFICIAL.

As máquinas verticais e individuais de clareamento possuem base giratória de metal e revestimento em material transparente. Fachos de luzes neon são emitidos na parte interna da câmara.

Pessoas negras ( 05 a 80),desacordadas, giram em sentido horário sobre estas câmaras. Os fachos de luzes, pouco a pouco, branqueiam suas peles.

3. EXT. RUAS Da CIDADE - DIA

Helicópteros sobrevoam as ruas da cidade. Ouvem-se gritos, sirenes,bombas e pedidos de socorro. Mulheres e homens, brancos, usam macacões pretos, capacetes com viseiras translúcidas, luvas brancas e coturnos. Eles capturam cidadãos - homens,mulheres, crianças- negros.

Os fugitivos tentam se esconder nas casas e comércios em ruínas.Os capturados são jogados em contêineres e presos por um campo de força magnética inultrapassável.

Ao lado do contêiner dos negros capturados à força, há outro, de mesma cor e tamanho, mas sem o campo de força magnético. Grupos de pessoas negras se dirigem voluntariamente para o interior do contêiner e se acomodam nos bancos.

#### 4. INT. CASA DO LÍDER MUNDIAL - GABINETE DE REUNIÕES - dia

O gabinete de reuniões possui mobiliário semelhante ao filme Her ( Ella) ,sentados à mesa comprida de acrílico, ZEUS ( 62) branco, cabelos curtos, pele enrugada, líder mundial, usa macacão branco. Junto dele, os membros do conselho mundial, KABENGELE (60) negro, estatura mediana, cabelos compridos, líder da população negra ; a YAMASAKI ( 55), alta, corpulenta, cabelos escorridos, líder do população asiática; a MANI (58), alta, cabelos curtos, líder da população indígena; todos vestem macacão bege.

KABENGELE

A situação está insustentável! Não podemos continuar assim...

ZEUS

KABENGELE, a situação está caótica porque você não consegue controlar o seu povo.

MANI

Senhores, estamos desviando do foco do problema. Nós não conseguimos controlar a natureza. Ainda há VIÚVAS- NEGRAS no nosso planeta. Se não conseguirmos exterminá-las por completo, será impossível conter a epidemia.

YAMASAKI

Dizer isso é inaceitável! Meu povo dizimou todas as aranhas transmissoras! Eu asseguro que é impossível encontrar uma única Viúva-negra em nosso planeta...

O filho de ZEUS, APOLO ( 4) , branco, cabelo tigelinha, vestindo jardineira branca, abre a porta e entra correndo.

Todos olham para a criança, cuja reação é jogar-se nos braços do pai.

A mãe de APOLO, HERA (28), branca, alta, cabelos compridos, magra, vestindo macacão branco, invade a reunião.

APOLO  
 Papai! Papai...

ZEUS abre um sorriso largo e abraça o filho.

Os outros permanecem sérios.

HERA se apressa para alcançar o filho. APOLO segura um boneco de brinquedo nas mãos.

                  HERA  
 Senhoras, bom dia.

Dirigindo-se a ZEUS - Desculpas...  
 Ele escapou!

                  ZEUS  
 Dirigindo-se a Apolo - vá com sua  
 mãe.

                  APOLO

A criança caminha em direção à mãe, mas recua e se coloca entre as pernas do pai.

                  Papai, se a Viúva-negra picar o  
 Dig-Daga ele vai ficar negro ? Eu  
 não quero um boneco negro...

KABENGELE, MANI E YAMASAKI movimentam-se em suas cadeiras, reviram os olhos e movimentam as cabeças em sinal de negação.

                  HERA

                  APOLO!

ZEUS arregala os olhos, levanta a sobrancelha, entreabre a boca e dirige o olhar a KABENGELE, quem cruza os braços e respira fundo soltando o ar ruidosamente pela boca.

Marcela toma o filho pelos braços e sai do gabinete, sem se despedir.

                  KABENGELE  
 Há brancos que não querem ficar  
 negros, mas os negros que nasceram  
 negros querem ter o direito de  
 permanecerem assim!

                  MANI  
 Mas é muito difícil descobrir quem  
 está falando a verdade. Existem  
 muitas pessoas que nasceram

                  (MORE)

MANI (cont'd)  
brancas, foram infectadas e forjam  
identidades para burlar o  
sistema...

YAMASAKI  
Senhores, as pessoas infectadas  
pela não querem se submeter à  
MÁQUINA ALVA porque preferem perder  
a etnia à memória! Ninguém quer  
apagar lembranças...

Alguém bate à porta. NARCISO (25), branco, vestindo macacão  
bege entra. Ele acena ao grupo e se aproxima de ZEUS  
, curva-se e sussurra algo no ouvido dele. ZEUS se levanta  
num gesto repentino.

Passa a mão por entre os cabelos e encara os presentes.  
Estes lhe devolvem o olhar.

ZEUS  
Senhoras. Senhor, teremos que  
continuar a reunião em uma hora.

Todos se levantam.

KABENGELE  
Mas... E essa situação ? Haverá  
outra rebelião em breve !

MANI  
Preciso de autorização para  
buscar focos da Viúva-negra  
que possam ter resistido...

YAMASUKI  
Sem recursos financeiros  
não poderemos aperfeiçoar a  
Máquina- Alva...

ZEUS não responde aos questionamentos e caminha apressado em  
direção à porta de saída.

Os líderes dos povos não-brancos sentam à mesa e aguardam o  
regresso de ZEUS, resignadamente.

CORTA PARA:

1                    5. INT. APARTAMENTO DE CRIOLO E ALEMÃO - SALA - NOITE                    1

Criolo e Alemão permanecem na sala sentados na mesma  
posição. Os ruídos deram lugar a um profundo silêncio. Eles  
se dão as mãos, abraçam-se e acariciam as costas um do outro.

(CONTINUED)

ALEMÃO

Estamos a salvo por mais um dia.

Eles sorriem. Ambos direcionam o olhar para a parede lateral.

CRIOLO

Será ?

Reflexos de luzes neon surgem nas chapas de aço prateadas que revestem as paredes da sala.

FADE OUT

FIM